

MAYBURY-LEWIS E A ETNOLOGIA BRASILEIRA

Roque de Barros Laraia

Ao receber a notícia da morte de David Maybury-Lewis, pensei na importância que ele teve para a minha formação como antropólogo. E, surpreendentemente, constatei que não consigo recordar o momento exato em que o conheci. Recordo-me, muito bem, da chegada de seus alunos no Museu Nacional, em 1962 com Terence Turner e Joan Bamberger; seguidos no ano seguinte por Jean Carter e Dolores Newton, e posteriormente por John Christopher Crocker e Cecil Cook, no âmbito do Convênio Harvard-Museu Nacional, organizado por ele e Roberto Cardoso de Oliveira. Eu e meus colegas do Museu Nacional admirávamos a sua postura elegante, a gentileza com que tratava as pessoas, o seu português perfeito. Afinal estávamos diante de um antropólogo britânico, professor da renomada Universidade de Harvard, que tivera a audácia de realizar um difícil tra-

*Artigo recebido em maio/2008
Aprovado em junho/2008*

balho de campo entre os aguerridos índios Xavante, juntamente com a sua mulher, Pia, e o seu filho pequeno, Biorn. Com o passar do tempo, nossa admiração cresceu ainda mais, em virtude de sua ousadia em criticar num artigo famoso o monstro sagrado da antropologia, Claude Lévi-Strauss.

Em 1963, tive a oportunidade de participar de seu trabalho de campo junto aos índios Xerente, em Tocantínia, ainda Estado de Goiás. Na verdade, meu trabalho consistia em pesquisar as representações que os moradores da pequena cidade tinham a respeito dos Xerente. Diante da difícil situação existente entre índios e brancos, não era possível a um mesmo pesquisador trabalhar simultaneamente com as duas partes em conflito. Redigi, então, um relatório, cujos dados deveriam ser incluídos no seu livro sobre os Xerente, o qual infelizmente nunca foi redigido. Antes de meu regresso, não pude recusar seu pedido de acompanhar suas alunas, Dolores e Jean, até a aldeia Krikрати, no município de Montes Altos,

no Maranhão. Foi uma viagem acidentada, em uma Rural Willis, por estradas praticamente inexistentes.

Dois anos depois, a convite de David, juntamente com Lúcia e o nosso filho Renato, parti para um estágio de um ano no Laboratory of Social Relations, na Universidade de Harvard. Tive a oportunidade de conviver ali com importantes cientistas sociais, lingüistas e psicólogos naquela importante experiência de criar uma área de interdisciplinaridade em Harvard. A figura que mais me impressionou foi a de Talcott Parson, então considerado o mais importante sociólogo norte-americano. O meu *status* era o de pesquisador associado, mas me inscrevi como aluno especial no curso de doutorado em antropologia, tendo cursado quatro disciplinas, sendo duas ministradas por David. Foi, então, que conheci colegas como Patrick Menget, Pierre Maranda, Renato Rosaldo, Michele Zimbalistic, Shelton Davis, e dois estudantes de Chicago que passaram um ano em Harvard, pois pretendiam estudar índios brasileiros, Ellen Becker e David Price. Nesse período, freqüentei muito a casa de Pia e de David e serei sempre grato pelo carinho que me receberam, juntamente com a minha família, em Cambridge.

Nos anos posteriores, David veio muitas vezes ao Brasil, eu fui algumas vezes a Cambridge, e o que era de início um relacionamento profissional foi se transformando em uma forte amizade. Por isto, em 2001, quando me tornei presidente da Anpocs, convidei-o para proferir uma Conferência no XXV Encontro Anual da Anpocs. Lembrome de sua insistência em falar em inglês, alegando não ter segurança para se pronunciar em português. A princípio pensei que agia assim por causa de um certo formalismo britânico, mas isso foi decorrência da doença que mais tarde o vitimou. Afinal, David sentia orgulho do seu excelente português.

* * *

Mas, para os leitores jovens e que não trabalham com etnologia, creio ser importante falar sobre quem foi David Henry Peter Maybury-Lewis. Nascido em 5 de maio de 1929, em Hyderabad, no Paquistão, ele declarou: “Nasci em uma nação que não existia naquela época” (2001, p. 50). O seu pai era engenheiro e trabalhava na Índia a serviço do Império Britânico. Foi nessa região remota da Índia que David viveu os sete primeiros anos de vida, fato que lhe possibilitou ser socializado simul-

taneamente em duas línguas – inglês e urdu –, o que explica sua enorme facilidade para aprender idiomas.¹ Em seu livro *Millennium: tribal Wisdom and the modern world* (1992), ele lembra os constantes deslocamentos que a família fazia pelo interior daquele território colonial. Toda a carga era transportada em 24 camelos, dirigidos por homens da etnia sind, que os urdus consideravam selvagens. Segundo David, esse foi seu primeiro encontro com a alteridade: “Eu me lembro ainda dos cantos que eles cantavam quando saíam com os camelos e a casa ficava vazia” (RBCS, 2001, n. 50). Nunca soube se David voltara ao Paquistão, mas com certeza os camelos permaneceram em sua memória, pois muitos anos depois, quando escreveu sobre os Xerente, fez uma menção a esse animal: “Pude ouvir tossidas em várias casas e do lado mais distante da aldeia vinha a voz, mais áspera do que nunca, agora se lamuriando como um camelo protestando” (Maybury-Lewis, 1990, p. 65).

Em 1936, Maybury-Lewis partiu para a Inglaterra para iniciar seus estudos formais. Em nossas conversas, não comentava muito sobre o duro período vivido em um país em guerra, salvo poucas menções ao rigoroso racionamento de alimentos, sob o qual viveu praticamente toda a sua adolescência.

Curso a Universidade de Cambridge, onde se graduou em espanhol e russo. Fez também disciplinas sobre a história da conquista da América. A tragédia dos índios americanos o deixou profundamente impressionado, daí seu interesse pela etnologia. Coincidentemente, quando procurava encontrar meio para realizar uma pesquisa na América do Sul, ocorreu em Cambridge uma reunião de antropólogos especialistas em estudos americanos. “Saí a abordar pesquisadores importantes, perguntando-lhes se havia alguma maneira de um jovem inglês, com vocação para aprender línguas e sem dinheiro, ir para a América fazer pesquisa antropológica” (*Idem*, p. 28). Todos lhe desejaram boa sorte e nada mais, até que conheceu um antropólogo alemão, radicado no Brasil, que lhe sugeriu que entrasse no país através da fronteira com a Guiana Inglesa, sem nenhuma formalidade, e assim ter acesso a muitos grupos indígenas da Amazônia. Tratava-se de Herbert Baldus, então professor na Escola de Sociologia de Política de São Paulo e, posteriormente, diretor do Museu Paulista e presidente da Associação Brasileira de Antropologia (1961-1963). David entusiasmou-se com a idéia, mas felizmente

encontrou um caminho mais fácil para trabalhar no Brasil como professor de inglês, em São Paulo.

Foi uma surpresa enorme para Baldus quando, cerca de um ano depois, David apareceu em seu escritório: “Bom, eu sou aquele que conversou com o senhor no Congresso dos Americanistas, lá em Cambridge, e estou aqui com um contrato na Cultura Inglesa para ensinar inglês e gostaria de estudar etnologia brasileira com o senhor. Foi assim que eu comecei, foi assim que vim para o Brasil” (Maybury-Lewis, 2001, p. 6).

Durante dois anos, David e Pia foram alunos de Baldus. Foi nesse período que surgiu a idéia de realizar a pesquisa entre os índios Xavante. Segundo David (1990, p. 2), Baldus informou-lhe que as pesquisas realizadas, anteriormente, por Nimuendajú e missionários salesianos, entre os Jê, tinham levantado sérios problemas teóricos que somente poderiam ser resolvidos com novas pesquisas. Escolheu então os Xavante, que ainda não tinham sido devidamente pesquisados. Considerando, porém, a dificuldade de contato com um grupo indígena extremamente belicoso sem um bom conhecimento da língua, David resolveu iniciar a pesquisa com uma etapa preliminar junto aos Xerente, falantes do mesmo idioma. O resultado dessa estadia foi apresentado como dissertação de mestrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Dissertação essa que continua inédita:

[. . .] porque eu a achei fraca. Ela era razoável e por meio dela consegui o grau de mestre. Mas não era uma coisa que eu ia publicar a não ser depois de trabalhá-la. Depois eu perdi o fio. . . Fui para os Xavante, estava publicando coisas sobre os Xavante [. . .] publiquei artigos sobre os Xerente. . . Mas o livro sobre os Xerente eu estou devendo ainda (Maybury-Lewis, 2001, p. 7).

Em 1958, juntamente com Pia e Biorn, ainda um bebê, iniciou sua pesquisa entre os Xavante. Foi um trabalho árduo que exigiu muita persistência por parte do casal: David esforçando-se por entender uma sociedade tão complexa, constituída de clãs, metades e classes de idades; Pia esforçando-se para dar conta dos aspectos logísticos da vivência ali. Mal tinham chegado à aldeia, os Xavante iniciaram o seu período de perambulação. David foi com eles, apesar de todos os conselhos contrários por parte dos funcionários da agência indigenista. Um deles lhe disse: “vai ser dureza”. Ele tinha razão, a expressão lhe pareceu acertada e muito concisa:

[. . .] me sentia como um molusco numa rocha. Todo o universo parecia ser feito de dureza. O chão no qual dormíamos era duro. A comida que comíamos era dura e tinha que ser cortada com os dentes fortes ou presa na boca e cortada com uma faca. A luminosidade era dura de dia e o frio era duro à noite. Era duro caminhar nas trilhas, duro sob os pés no alto verão e duro abrir uma picada (Maybury-Lewis, 1990, pp. 180-181).²

O trabalho de campo entre os Xavante resultou, inicialmente, em sua tese de doutorado defendida na Universidade de Oxford, sob a orientação de Rodney Needham, um dos mais eminentes antropólogos britânicos, publicada pela editora Clarendon Press, em 1965, sob o título *Akwe savante society*. Trata-se, sem dúvida, de uma das melhores monografias sobre um grupo indígena brasileiro. David era um recém-doutor quando foi contratado por Harvard. Nessa instituição permaneceu até o fim de sua vida. O cidadão britânico, nascido na Ásia, optou pelo Novo Mundo.

Grande parte dos antropólogos estrangeiros que realizam suas pesquisas de doutorado entre os índios no Brasil encerra sua ligação com o país a partir do momento da defesa de tese, mas não foi o que ocorreu com Maybury-Lewis. Logo no início dos anos de 1960, ainda como um professor assistente em Harvard, ele organizou juntamente com Roberto Cardoso de Oliveira, que conheceu em 1953 no Museu do Índio, o Harvard-Central Brazil Research Project, no âmbito de um Convênio entre o Museu Nacional e a Universidade de Harvard. Tratava-se, de fato, da junção de dois projetos originais: o de Roberto Cardoso de Oliveira, “Projeto de áreas de fricção interétnica”, financiado pelo Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais, que incluíam as pesquisas de Roberto DaMatta (sobre Gaviões e Apinayê), Roque de Barros Laraia (Surui e Akwawa-Asurini), Júlio Cezar Melatti (Krahô) e Marcos Magalhães Rubinger (Maxakali), todos ex-alunos de Cardoso de Oliveira. Pelo lado norte-americano, após suas pesquisas entre os Xavante e Xerente, David interessou-se por um estudo comparativo entre os grupos Jê. Assim seu projeto incluía as pesquisas de seus alunos Terence Turner e Joan Bamberger (Kayapó), Jean Carter e Dolores Newton (Krikati) e J. Christopher Crocker (Bororo).³ É uma pena que as teses resultantes dessa interessante pesquisa nunca terem sido publicadas, com exceção de DaMatta e Melatti. Em compensação, David editou o volume *Dialectical societies* (Harvard Studies in

Cultural Anthropology, Cambridge/Londres, 1979), no qual cada um dos pesquisadores participantes apresentou um artigo sobre os grupos Jê estudados.

O primeiro lustro da década de 1960 foi um período extremamente produtivo para Maybury-Lewis. Em 1960, publicou “The analysis of dual organizations: a methodological critique”, tendo ainda como vínculo acadêmico o Instituto de Antropologia Social da Universidade de Oxford. Nesse artigo, o autor criticava o trabalho de Lévi-Strauss, “Les organizations dualistes existent-elles?” (1956), que imediatamente lhe respondeu com o artigo, publicado no mesmo número da revista, “On manipulated sociological models”. Em 1965, já na Universidade de Harvard, publicou “Prescriptive marriage systems”, no qual critica o posicionamento de Lévi-Strauss em *Les structures élémentaires de la parenté* (1967 [1947]). Juntamente com as críticas formuladas a este mesmo livro por Rodney Needham, as publicações de David foram temas de muitos debates nos meios acadêmicos de então. Lévi-Strauss limitou-se a responder a Maybury-Lewis em uma simples nota de rodapé no prefácio da segunda edição de seu famoso livro. Quarenta anos depois, comentando esse fato, David afirmou: “Eu estava treinado para fazer críticas estruturalistas. Então eu comecei a fazer uma crítica muito extensa ao trabalho de Lévi-Strauss, mas felizmente eu parei. Fiquei pensando, por que estou fazendo isso? É uma crítica tão detalhada que deixa de ser generosa. E eu não quero fazer isso”. Mas ele reconhecia que as críticas foram importantes para uma linha de comparação no Brasil Central. Antes do seu projeto, cada antropólogo estudava o seu grupo e não fazia as comparações necessárias para resolver importantes problemas teóricos.

Em 1966, David organizou em Harvard um seminário para discutir os resultados das pesquisas realizadas no Brasil Central. Participaram do encontro todos os seus alunos. Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto DaMatta, Júlio Cezar Melatti e eu também fomos convidados.⁴ Após esse Seminário, Cardoso de Oliveira teve a idéia de criar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional, em plena ditadura militar, o que só foi possível graças ao apoio da Fundação Ford. É sabido que David desempenhou um grande papel na obtenção do apoio dessa agência norte-americana de fomento. Foi ele também o primeiro professor visitante do PPGAS.

No final da década de 1960, em função da criação do PPGAS, e como parte do Convênio entre Harvard e o Museu Nacional, propuseram à Fundação Ford um projeto de pesquisa no Nordeste e no Brasil Central: “Estudo comparativo do desenvolvimento regional: Nordeste-Brasil Central”. Estabeleceu-se, então, uma divisão de trabalho. Coube a Cardoso de Oliveira coordenar as pesquisas no Brasil Central, tendo como eixo a recém-construída rodovia Belém-Brasília. David coordenou a parte referente ao Nordeste, onde residiu por algum tempo. A partir daí, desenvolveu uma forte relação com os meios acadêmicos pernambucanos.

Após ter residido em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, aceitou o convite para ir a Brasília, ser professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB, criado em 1972.

Difícilmente recusava um convite para vir ao Brasil, país que ele aprendeu a amar. Em suas horas de lazer gostava de cantar canções brasileiras, inclusive as marchas de carnaval. Como professor em Harvard, orientou vários antropólogos brasileiros – Roberto DaMatta, Klaas Woortmann, Mariza Peirano e Roberto Kant de Oliveira. Apesar de não ter orientado Aracy Lopes da Silva, que também estudou os Xavante, eles se tornaram grandes amigos, e passavam grande tempo conversando sobre “seus” índios.

Tendo vivido no Brasil durante os anos da ditadura militar, quando um discurso desenvolvimentista ameaçava os direitos indígenas, David participou de várias manifestações realizadas no exterior em favor das populações indígenas brasileiras. Em 1972, juntamente com Pia, sua companheira de pesquisas e de toda a vida, fundou a Cultural Survival, uma organização não-governamental, sediada em Cambridge, com a finalidade de “defender os direitos, as vozes e as visões dos povos indígenas de todo o mundo”. Essa instituição financiou diversos projetos no Brasil, inclusive um seminário organizado por Silvio Coelho dos Santos em Florianópolis, em 1980, que reuniu antropólogos e advogados empenhados na defesa dos direitos indígenas brasileiros.

No final dos anos de 1980, David aceitou o desafio de participar, em uma posição de destaque, da produção de uma série para a televisão que tratava da diversidade cultural. Para a realização desse projeto, empreendeu, juntamente com uma equipe de TV, uma viagem de volta ao mundo,

visitando dez povos que ainda guardavam seus costumes tradicionais. Esteve entre os Gabra no norte do Quênia, um povo nômade que tem nos camelos a sua principal riqueza. Na África Ocidental, visitou os Dogon, em Mali, povo que possui um elaborado sistema de rituais funerários. Ainda na África Ocidental, esteve entre os Woddabe, na Nigéria – nessa sociedade um homem pode realizar simultaneamente dois tipos de casamento: um com a mulher que lhe foi destinada pelas regras tradicionais do parentesco e outro com a mulher escolhida pelo “coração”. Na América, os Navajo foram os escolhidos entre todos os índios dos Estados Unidos. Maybury-Lewis destaca a luta de dois séculos desse povo para continuar mantendo sua cultura ao mesmo tempo em que participa dos costumes da sociedade majoritária. Os Huichol do México enfrentam os mesmos dilemas dos Navajo: conciliar a sua resistência cultural com o adiantado grau de integração na sociedade mexicana – uma vez por ano eles empreendem uma grande peregrinação à terra de seus antepassados, Wirikula, quando os xamãs os orientam na utilização do peyote, o alucinógeno dos deuses. Visitaram também os Makuna da Colômbia, que acreditam que os animais vivem em comunidades iguais às humanas. E, como não poderia deixar de ser, David incluiu os Xavante em seu roteiro, apresentando-os como um povo que, por meio de seus rituais de iniciação, superam as dificuldades decorrentes da puberdade no mundo ocidental. Em toda a Ásia, ele optou por dois povos: Os Nyimba, do Nepal, um dos raros povos da Terra onde é possível encontrar um sistema matrimonial poligâmico; na Indonésia, os Weyewa, que têm um original sistema de reciprocidade, em que os presentes de maior valor retribuídos em uma ocasião de festividade cabem aos convidados oferecerem. Com efeito, uma retribuição maior por parte de quem convidou significa o final definitivo das relações sociais entre eles. A Oceania foi representada pelos Aborígenes, que costumam negar que a matéria é o primeiro nível da realidade.

Essa série televisiva resultou no livro *Millennium: tribal Wisdom and the modern world* (1992). Com esse projeto, David rompeu os muros da academia e passou a ter uma ampla projeção entre o grande público. “Mais do que qualquer outro antropólogo, desde Margaret Mead, David trouxe a sabedoria e o valor de outras maneiras de viver

para dentro dos lares de centenas de milhares de pessoas”, disse seu colega de Harvard, J. Lorand Matory.

Não seria possível resumir a vida e a obra de Maybury-Lewis no espaço de um artigo, mas creio ser relevante esta breve exposição no sentido de que as novas gerações conheçam a trajetória tão peculiar deste brilhante antropólogo. Quanto a mim, sou grato por ter tido a oportunidade de aprender com ele e ser seu amigo. Quando o meu trabalho na região dos Xerente terminou, visitei David na aldeia e pude constatar o respeito que esse povo tinha por Wakuke, o nome que seu “tio” lhe dera. Para ilustrar, vale lembrar que por conta disso, além de sua fluência na língua nativa, ele foi capaz de intervir, em certa ocasião, em um conflito entre dois homens que trocavam golpes de borduna. À medida que falava, os golpes foram cessando, até que finalmente os dois contendores desistiram da luta, indo cada um para o seu lado, e coube a Pia fazer curativos na cabeça de um deles.

David foi um excelente pesquisador de campo, além de demonstrar um completo domínio da teoria antropológica, principalmente no que se refere ao parentesco e à organização social. Todos nós reconhecemos seu papel importante em benefício da antropologia brasileira, além do seu grande amor pelo Brasil. Em 1998, recebeu do governo brasileiro a Gran Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, nossa mais alta condecoração acadêmica.

David Maybury-Lewis faleceu, em Cambridge, em 2 de dezembro de 2007.

Notas

- 1 Maybury-Lewis falava fluentemente, além do inglês, francês, espanhol, português, alemão, dinamarquês, russo e akwê (Xavante e Xerente).
- 2 Todas as dificuldades da pesquisa, entre os Xerente e os Xavante, estão narradas em seu livro *O selvagem e o inocente*, 1965, traduzida para o português em 1990.
- 3 DaMatta e Melatti participaram mais integralmente do projeto, pois estudavam grupos Jê. A minha participação foi periférica tendo em vista que estudava grupos Tupi, do Brasil Central.
- 4 Roberto Cardoso de Oliveira participou como co-diretor do Convênio. Na ocasião, eu me encontrava em Harvard na qualidade de pesquisador associado.

BIBLIOGRAFIA

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1956), "Les organisations dualistes existent-elles?". *Bijdragen tot de taal-, land em Volkenkunde*. Deel 112. 2, Aflçvering.

_____. (1960), "On manipulated sociological models". *Bijdragen tot de taal-, land em Volkenkunde*. Deel 116.

_____. (1967), *Les structures elementaires de la parenté*. Paris, Mouton.

MAYBURY-LEWIS, David. (1960), "The analysis of Dual organizations: a methodological critique" *Bijdragen tot de taal-, land em Volkenkunde*. Deel 116: 2-43.

_____. (1965a), *Akwẽ savante society*. Oxford, Clarendon Press (Trad. brasileira: Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984).

_____. (1965b), "Prescriptive marriage systems". *Southwestern Journal of Anthropology*, 21 (3): 207-230.

_____. (1990), *O selvagem e o inocente*. Campinas, Editora da Unicamp.

_____. (1992), *Millennium: tribal Wisdom and the modern world*. Nova York, Penguin Books.

_____. (2001), "Entrevista com David Maybury-Lewis". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 50: 4-15.

**MAYBURY-LEWIS E A
ETNOLOGIA BRASILEIRA****Roque de Barros Laraia**

Palavras-chave: Etnologia brasileira; Índios Xavante; Índios Xerente; Harvard University; Maybury-Lewis.

Em 2 de dezembro de 2007, faleceu em Cambridge (Massachusetts) o antropólogo David Maybury-Lewis. Neste artigo, o autor narra como foi que um cidadão britânico, nascido onde hoje é o Paquistão, escolheu o Brasil como campo de estudo antropológico, tomando como objeto de estudo a sociedade Xavante. Como professor da Universidade de Harvard, desde 1961, continuou mantendo um forte vínculo com a etnologia brasileira, tendo sido inclusive orientador de importantes antropólogos brasileiros. Dotado de uma forte simpatia pessoal, tornou-se amigo de vários colegas. Seus estudos sobre os Xerente e Xavante constituem uma forte contribuição para a nossa etnologia. Teve um importante papel na fundação do programa de Pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional. Em 2001, foi um dos conferencistas do Encontro Anual da Anpocs.

**MAYBURY-LEWIS AND THE
BRAZILIAN ETHNOLOGY****Roque de Barros Laraia**

Keywords: Brazilian ethnology; Xavante Indians; Xerente Indians; Harvard University; Maybury-Lewis

On December 2, 2007 the anthropologist David Maybury-Lewis died in Cambridge (Massachusetts). In this article, the Author tells how a British citizen, born in Pakistan, chose Brazil as a field for anthropological studies, taking the Shavante Society as his research object. As a professor at Harvard University since 1961, he continued his strong link with the Brazilian ethnology, having been supervisor of important Brazilian anthropologists. Endowed with a strong personal friendly style, he became a friend of several colleagues. His research with the Shavante and Xavante is a great contribution to our ethnology. He played an important role in founding the Graduate Program in Anthropology at the Museu Nacional. In 2001 he was one of the speakers at the Annual Meeting of Anpocs.

**MAYBURY-LEWIS ET
L'ETHNOLOGIE BRÉSILIENNE****Roque de Barros Laraia**

Mots-clés: Ethnologie brésilienne; Indiens Xavante; Indiens Xerente; Université de Harvard; Maybury-Lewis.

Le 2 décembre 2007, l'anthropologue David Maybury-Lewis est décédé à Cambridge (Massachusetts). Dans cet article, l'auteur raconte pourquoi un citoyen britannique, né où, actuellement, est le Pakistan, a élu le Brésil comme domaine d'étude anthropologique, choisissant comme sujet l'étude la société Xavante. Professeur à l'Université de Harvard depuis 1961, Maybury-Lewis maintint un lien étroit avec l'ethnologie brésilienne, ayant même été directeur de thèse d'importants anthropologues brésiliens. Doté d'une forte sympathie personnelle, il devint l'ami de plusieurs de ses collègues. Ses études sur les Xerente et les Xavante constituent une forte contribution à notre ethnologie. Il joua un rôle important dans la fondation du programme de 3^{ème} cycle en Anthropologie du Musée National. Il fut, en 2001, l'un des conférenciers de la Rencontre Annuelle de l'Anpocs.